

FILOSOFAR COM CRIANÇAS*

Sérgio A. Sardi**

SÍNTESE – O texto visa contribuir ao debate sobre a relação entre a questão “o que é Filosofia” e o ensino/aprendizado de Filosofia com crianças, tecendo considerações acerca da metodologia de ensino.

PALAVRAS-CHAVE – filosofar, *tháumas*, vivência, diálogo.

ABSTRACT – The text intends to contribute to the discussion between the question “what is Philosophy” and the teaching/apprenticeship to the Philosophy with children, making considerations about the teaching’s methodology.

KEY WORDS – philosophize, *tháumas*, life experience, dialogue.

A Filosofia é geralmente considerada como um universo inacessível ao leigo, revestindo-se de uma linguagem tão distanciada do cotidiano que somos levados a desconfiar que ela possa ter algo a ver com cada um de nós. Há uma Filosofia acadêmica, a qual, como as demais áreas do conhecimento, elabora seus próprios conceitos e, de certo modo, é restrita àqueles que se dispuseram a estudá-la de um modo profissional ou como estilo de vida. Mas há, também, um *filosofar*, o qual, produzindo-se no dia-a-dia, perpassa a nossa história e participa da conformação de nossa personalidade, realizando-se sem que sequer, na maior parte das vezes, o percebamos. A Filosofia acadêmica, por sua vez, funda-se neste gesto cotidiano, nasce desta atividade quase espontânea do pensamento, a qual importa compreender quando se trata não só de refletirmos sobre o ensino de Filosofia com Crianças, como sobre o significado que a Filosofia pode vir a ter nas vidas de cada um de nós. Ademais, este texto visa a suscitar um diálogo sobre a possibilidade e o sentido de filosofarmos *com* crianças, pela tematização de um aprendizado por parte do adulto que se refere à possibilidade do desenvolvimento de uma relação empática com as mesmas.

Em tal reflexão julgo ser necessário um ponto de partida onde possamos estar integralmente incluídos. Situemo-nos, pois, em postura de contemplação de nosso próprio ser, revisitando nossa memória, vivenciando uma consciência distendida nas camadas superpostas de nossa própria história. Estar aberto a esta dimensão

* Comunicação apresentada no VII Encontro Nacional de Filosofia, out. 1996, Águas de Lindóia/SP e no Seminário de Filosofia para Crianças, agosto de 1997, La Plata/Argentina.

** Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS e doutorando em Filosofia pela Unicamp/SP.

temporal de nossa consciência não consiste simplesmente em uma recuperação, mas em um gesto de descoberta e criação¹. Esta história, esta realidade de nosso ser que continuamente estamos a produzir, acumulando sem jamais repetir², vivida como prazer e dor, ruptura e crescimento, emoção e razão, é indizível, inegável, única. A história de cada um é o lugar privilegiado de participação na História e na linguagem. Se houver, pois, um modo legítimo de afirmar a distensão temporal do eu, isso deverá necessariamente nos conduzir para além das palavras, como vivência que nos envolve e comove enquanto modo de realização de nós mesmos. Negar esta história implicaria em negar o próprio sentido de dizer “eu mesmo”; e, ao revivê-la, poderemos perceber, nos seus meandros, nas malhas do cotidiano, o precoce encontro com um “sentir faltar” e a necessidade, sempre de novo reposta, de articular sentido, ordem, coerência, de conectar o eu e o mundo. Tomemos, assim, nossa própria história nas mãos e, dispoño dela, contemplemos, nesta trajetória, o surgimento do filosofar.

Falei de um momento genético, originário, em nossa história individual, do filosofar; de um momento em que tal atitude, tal atividade de nosso ser não se sabia tal. E, embora não soubéssemos, ainda, o que é a Filosofia e o filosofar, nos pertenciamos este gesto espontâneo que tecia o núcleo de nosso modo, de nosso estilo de agir e pensar. Mas sabemos, agora, do que se trate isto? Que é Filosofia? Que é filosofar?

Eis uma questão que, para mim, revestiu-se continuamente de significados novos. Eis uma questão. Mas desde quando o perguntar é já filosofar?

O perguntar é um ato sintético; a criação também é um ato sintético; quando então reunimos, unificamos nosso conhecimento sobre determinada realidade de modo a transcender uma mera ordenação de partes justapostas. Só por isso, o ato mesmo do “perguntar” é sempre já um conhecimento novo, o qual consiste numa certa unificação do já sabido e a consciência do não sabido. Momento este em que a relação eu-mundo é posta em suspensão. Situamo-nos, assim, nas fronteiras do que conhecemos, percorremos nossos limites e lançamo-nos além, no vazio... ou melhor, lançamo-nos e somos lançados, arrebatados num gesto de entrega que, ao nos conduzir para fora de nosso universo conhecido, simultaneamente elabora um retorno à interioridade daquele que pergunta. Perguntar é, por isso, estar inteiramente em si e, simultaneamente, além de si, *suspensio*.

Lançamo-nos e somos lançados além... pois é a misteriosa presença daquilo que nos cerca e ultrapassa, este “situar-se” em meio aos fenômenos que decorrem no tempo e no espaço, o motivo de um sentir faltar.³ Há, pois, uma atividade que é também abertura à alteridade processando o sentido do contato com o mundo,

¹ Seguindo a linha de pensamento de H. Maturana, podemos afirmar que a memória é um momento da *autopoiesis*, sendo o ser humano uma unidade orgânica autocriativa em todas as suas ações. É interessante, também, neste contexto, resgatar a concepção bergsoniana de *memória*: somos a nossa memória, imersos em um tempo contínuo, que acumula e cresce, dimensão fundamental da vida.

² Vide H. Bergson: *L'evolution créatrice*, 1^{ère} partie.

³ Ora, se estivéssemos tão só em nós mesmos, e o ser fosse expressão de nossa interioridade, isto é, o mesmo fosse o ser e o *meu* pensar (e essa é a tese do idealismo subjetivo), não haveria motivos que nos conduzissem além; e nos restaria calar.

uma experiência significativa, uma vivência por detrás do surgimento de toda questão filosofante. Perguntar é, desse modo, a atitude de quem vivencia o mundo a partir de uma retomada criativa de si mesmo em tal relação; gesto de confluência no interior de um horizonte sempre de novo reposto; síntese e “princípio” da relação entre alteridade e reflexividade.

O perguntar, esta atividade do pensamento, enquanto é expressão lingüística, tradução “lógica” de uma vivência originária, denota um modo de efetivação do trânsito entre a vivência e a linguagem, propiciando sua unidade. No perguntar “somos lançados” além da admiração⁴ originária sem, no entanto, jamais esgotá-la neste gesto. A vivência da admiração parece permanecer sempre um manancial que acompanha o desdobramento do perguntar, na origem do diálogo.⁵

A esfera dialógica do conhecimento articula-se na dimensão da dupla relação do eu com si mesmo e com o outro; antes de ser concebido como estrutura, o será como processo auto-organizado de conexão entre “diálogo interior” e “diálogo exterior”. Assim concebido, o diálogo deve poder suscitar algo da minha admiração em ti, e da tua em mim. Deveremos, então, transcendê-la, e de novo perguntar, de novo exercitar a criação de sentido à nossa questão, de novo nos dispor a reconstruir e ampliar nossa percepção do elo que re-liga o eu, o mundo e o outro.

Certa vez uma criança me ensinou que “contemplar é ver com carinho”. O carinho, este gesto simultaneamente ético e cognitivo, expressa-se na disposição integral de meu ser à relação. O exercício de ver, de ouvir, de sentir, de pensar com carinho, de contemplar como criança nos dispõe a uma vivência empática, atitude fundamental do diálogo. Na conexão entre carinho e conhecimento a subjetividade alça-se à sua dimensão intersubjetiva e a intersubjetividade eleva-se a seu pólo subjetivo. A disposição prévia à relação é ético-cognitiva, quando o amor é postura de quem sabe, de quem exercita cotidianamente o desejo de sabedoria. Elevado à esfera social, o carinho é ato político e pedagógico. A ampliação e reconstrução de nossa percepção da realidade, da condição do “ouvir”, é inseparável de uma profunda transformação de nosso próprio ser, o qual, ele mesmo, é sobretudo relação.

Ouçamos, pois, com carinho, às crianças.

Ponhamo-nos em diálogo com este outro de nós mesmos, sob as camadas superpostas no tempo de nossa história; partilhemos assim a Presença da Vida na infinita profundidade que salta no rosto e no olhar, amando para conhecer.

Será a Filosofia, o amor à sabedoria, este gesto de entrega, este desejo de vida, relação entre *filia* e *sofia*. *Filia* e *sofia* fundem-se, então, num plano mais alto. A ética faz-se ontologia.

Sugeria, ao início, que cada um pudesse observar-se em um espelho, percebendo-se como personagem único de uma história irrepetível, refazendo os passos da história pessoal, única e indizível de seu pensamento, pondo-se mais perto de sua origem. Sugiro, agora, assumirmos, simultaneamente, a condição de termos

⁴ O que os gregos denominaram *tháumas* (cf. Aristóteles, *Metafísica*. A, 2, 17-19 e Platão, *Teeteto*, 155d).

⁵ Sobre a relação entre a *admiração*, o *perguntar* e o *diálogo*, vide: SARDI, Sérgio A. “Da dialética do admirar e do perguntar”. *Veritas*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, dez. 1997, p. 931-936.

nos tornado irremediavelmente “adultos”, experienciando, vivenciando a admiração e o diálogo com alguma criança que surgir, no tempo que se seguirá, ouvindo-a e fazendo-se compreender por ela sem perder com isso o núcleo que confere sentido às nossas próprias questões e às dela. Conviver com ela para exercitar a sua linguagem. Aprender e ensinar junto com ela, aprender com ela a ensiná-la, ouvindo-a de filósofo para filósofo, de humano para humano, sendo adulto e criança, sendo dois e sendo um.

Traçamos, até aqui, um primeiro círculo sobre o nosso problema, e retornamos ao ponto de partida. Traçamos um novo círculo, concêntrico, procurando cercar um pouco mais de perto os motivos de nossa ação. Retomemos, portanto, a questão sobre o que seja a Filosofia e o filosofar.

A Filosofia foi historicamente considerada enquanto elaboração intelectual por excelência. O objetivo último de tal elaboração residiria, na tradição dominante do mundo Ocidental, no estabelecimento de uma concepção sistêmica, a partir da qual deveria ser possível deduzir os aspectos parciais do real. Mais que isso, ela deveria incluir a necessidade de determinar a própria significação de “real”. A Filosofia transitaria, assim, no âmbito da linguagem, constituindo-se, desde os gregos, em uma forma especial de retórica onde o *lógos* reflete sobre o próprio *lógos*, visando a conexão entre o pensamento e o ser. A História da Filosofia será, deste modo, a própria história da busca interminável de superação desta dualidade. Desse modo, a Filosofia deveria recorrer a uma estrutura auto-referencial, um princípio, ponto de contato, de identidade entre o pensamento e o ser. A *auto-referencialidade consistiria, no entanto, em buscar um correspondente, na lógica, na linguagem, a uma estrutura que emergiria de um domínio que deveria sempre ultrapassar a própria lógica, a própria linguagem; como mera tautologia, a auto-referencialidade não tem “significação”*.

A Filosofia é elaboração intelectual, porém só o pode ser com base em uma experiência que, no entanto, transcende as possíveis decodificações lingüísticas. Trata-se de que o filosofar emerge de uma experiência significativa, uma vivência.

Necessitamos, com isso, refletir sobre o sentido de falarmos em experiências que possam conter uma significação capaz de nos aproximar daquilo que os gregos denominaram *tháumas* (assombro, espanto, estranhamento, admiração),⁶ e o que diz respeito à sua expressão lingüística. Mas em que consiste, propriamente, a significação de uma experiência? Tratar-se-ia de um modo específico de vivenciar

⁶ Aristóteles, *Metafísica*. A, 2, 17-19: “Porém o que põe um problema ou se *admira*, reconhece sua ignorância. (por isso também o que ama os mitos é de certo modo filósofo; pois o mito se compõe de elementos *maravilhosos*)”. Platão, *Teeteto*, 155: “Isto demonstra que Teodoro não se equivocava ao te valorizar. Esse sentido do assombro é típico do filósofo. Pois a filosofia, com efeito; não tem outra origem e foi um bom genealogista aquele que fez que *Íris* fosse a filha de *tháumas*”. Platão e Aristóteles localizaram em *tháumas* o princípio do filosofar. Julgamos não se tratar de um princípio considerado apenas em sua acepção histórica; há um sentido maior em tal afirmação. Isso nos conduz a compreendê-lo também em sua dimensão psicológica e epistemológica: *tháumas* demarcaria, assim, o princípio de uma forma específica de conhecimento. Ao remontar ao *tháumas* grego, no entanto, não pretendo mais que estabelecer um parâmetro, na História da Filosofia, à questão principal, a qual considera a transcendência do filosofar com relação à linguagem. Poderíamos, entre outros, recuperar a noção bergsoniana de intuição no contexto de tal problematização.

toda e qualquer experiência? Ou de experiências determinadas que, por uma força própria, seriam capazes de reconduzir o pensamento? Serão estas as questões corretas?

A verdade de uma questão talvez consista na sua capacidade de fazer mover o pensamento em uma direção determinada, transformando com isso o próprio pensar. A verdade de nossa condição talvez resida em nossa capacidade de superação criativa da própria condição. A noção de “verdade” talvez deva ser concebida como processo do pensar, orientação ético-existencial expressa em uma postura filosofante, um modo de ser no mundo. Nesse sentido, significação é envolvimento, atividade expressa como tendência de conexão com a totalidade. Aprender a ver a estranheza no/do mundo é algo que pressupõe uma re-identificação permanente das coisas e de si mesmo; uma re-identificação do todo que emerge da esfera da experiência particular e a envolve. Isso equivale a uma re-significação processual, a qual efetiva-se enquanto relação.

Aquele que uma vez entra em relação de estranhamento com um fenômeno particular, destaca, delimita o próprio fenômeno em sua conexão vertiginosa com o ser, o indeterminado. Nosso modo de conhecer expressa a condição primordial de nosso modo de ser, expressa a condição e a profundidade de um estranhamento com o próprio ato de ser, como processo autocriativo. Aquele que uma vez admira aprende um novo modo de pensar, capaz de incrementar e reconstruir hábitos ético-cognitivos. Hábitos são processos que se distendem no tempo a partir de um padrão determinado. Mas o exercício da admiração é um aprendizado sempre inacabado, a par de uma espontaneidade e liberdade gradativamente crescente, de uma felicidade vivida como permanente reposição de horizonte, permanente encontro e envolvimento.

Como processo de abertura ao ser e à própria interioridade, a admiração suscita o aprofundamento da admiração: vertigem autocriadora; movimento que sucessivamente repõe e rompe a unidade de nosso ser; consciência da liberdade que é, também, liberdade da consciência.

Assim, o filosofar, de onde nasce a possibilidade da ciência e da invenção, adquire também um contorno artístico, poético. Isso porque sua forma é o movimento mesmo de reposição de limites, onde a aparente instabilidade é transcendência: o gesto criativo e autocriativo como forma de amor. E transcendência é abertura e conexão, processo que pressupõe uma entrega, um pôr-se sob o domínio do inesperado, enquanto predisposição a superar a cômoda condição cotidiana do olhar.⁷

A admiração, enquanto experiência que demarca o princípio de uma postura filosofante, é ainda um fenômeno pré-lingüístico.⁸ Sendo assim, por si só, perde-se no vazio, pela impossibilidade de sua expressão, se não vier acompanhada de uma experiência dialógica. Trata-se de que a linguagem só faz sentido face à presença de um Outro, mesmo anônimo, que nos “ouve” com seu pensamento.

⁷ Sobre tal questão, é interessante observarmos a “alegoria da caverna” (PLATÃO, *República*, VII).

⁸ Há uma dimensão intersubjetiva da *admiração*, mas ainda um fenômeno pré-lingüístico, embora a linguagem possa *suscitar* tal processo cognitivo.

O momento dialógico é o momento de síntese entre o diálogo silencioso e interior que continuamente exercitamos em nós mesmos, e o diálogo exterior.⁹ Diálogo é criação interativa e, enquanto tal, experiência exercitada de apreensão do outro em sua alteridade irredutível. O diálogo é experiência ética, ao mesmo tempo que interação cognitiva. No diálogo, o exercício da linguagem é sempre mais que mera decodificação do pensamento, pois exige sempre a disposição ao encontro, onde a síntese consiste também em uma ultrapassagem dos limites condicionantes de nossos pontos de vista sempre parciais. Aqui, o “dizer” estará condicionado a seu pólo receptivo e vice-versa, instaurando-se uma ética do ouvir enquanto hábito do pensar. As sínteses, sempre de novo superadas, serão ainda mais que resultados parciais e gradativos de uma “criação conjunta”, fazendo-se estímulos: o diálogo suscita o aprofundamento do diálogo.

A admiração e o diálogo correspondem, assim, à ação do filosofar, enquanto se localizam no plano do vivenciado, realizando-se como experiências que sustentam a possibilidade de um domínio lógico-lingüístico, ao mesmo tempo que sempre o ultrapassam. Tal o sentido de uma transcendência intrínseca ao gesto filosofante, o que nos possibilita compreendê-lo a partir de sua dimensão originante e, como tal, autocriativa.

O filosofar distingue-se de outros processos cognitivos ao visar a apreensão do fenômeno específico a partir de níveis de universalidade sucessivamente mais abrangentes. Qualquer fenômeno específico pode, portanto, ser filosoficamente considerado, quando se revela na dependência da universalidade de suas relações com o ser; em sua especificidade, e por meio desta, remete à totalidade, por via de uma disposição subjetiva dada na experiência de uma relação originária. Assim, o filosofar pode ser experienciado a partir de todo e *qualquer* fenômeno. Mas, de uma perspectiva pedagógica, apresenta contornos mais nítidos a partir de alguns. Essa segunda classe parece demarcar o próprio eixo que confere uma relativa unidade à História da Filosofia. Deste modo, somos remetidos a considerar o filosofar enquanto um processo do pensar.¹⁰

O modo de ser do filosofar é simultaneamente abertura e enquadramento, o que se verifica, no plano lingüístico, em um modo específico de *perguntar*, porque autocriativo em sua significação. O *perguntar* filosófico visa sempre à totalidade, na relação com qualquer fenômeno particular. O modo de ser do pensamento filosofante é o de situar-se, pois, na linguagem, situando-se sucessivamente além da linguagem: o modo de ser do gesto criativo.

⁹ “[...] uma *inter-relação* entre subjetividade e intersubjetividade não significa uma mera relação entre o eu e o outro. Trata-se de que o eu, ao se remeter ao outro, simultaneamente remete-se a si mesmo e, ao se remeter a si mesmo, simultaneamente, remete-se ao outro, pois o pensar, enquanto é “diálogo interior”, expressa uma alteridade do eu com relação a si mesmo. Trata-se da inter-relação entre o “diálogo interior” e o “diálogo exterior”. Tal estrutura recorrente contém, em si, em função de seu próprio dinamismo imanente, o impulso para a efetivação dessa inter-relação” (SARDI, Sérgio A. *As relações entre diálogo e dialética em Platão*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995, p. 30-33). No contexto de tal argumentação, busquei estabelecer a existência de um processo (o “diálogo”) capaz de unificar os campos ético e cognitivo.

¹⁰ O que inclui uma certa disposição frente ao ser e ao próprio ato de ser.

Tal modo do pensar, característico da experiência filosofante, constitui-se em “conteúdo” sempre de todo inabarcável ao próprio pensar: a reflexividade, concebida como processo, torna-se condição e expressão da liberdade.

De uma perspectiva pedagógica, o exercício do filosofar e o aprendizado da Filosofia implica em que as questões filosóficas devem poder ser vivenciadas, antes de qualquer formulação lingüística, e mesmo após. O peso da formulação de uma determinada questão filosófica reside justamente na *vivência*¹¹ a que remete, e que deve poder ser comunicada (ao menos parcial ou analogamente¹²). O sentido das palavras nos remete além das palavras. A própria formulação lingüística surge de uma necessidade interna à experiência, o que também configura o sentido filosofante da mesma.

Caso contrário, as questões filosóficas permanecerão sempre exteriores, vazias de significação ou de alguma significação artificial, pois descoladas da vida. Somente quando devidamente introjetadas e dotadas de uma motivação interior (pela autoconstrução de sentido) podem servir de permanente manancial a partir das quais deverá emergir o filosofar, como criação.

As atitudes criativas resultam numa reafirmação a níveis cada vez mais profundos da individualidade, a qual expressa-se enquanto unicidade e irrepetibilidade. A potência criativa, que é primordialmente capacidade de reinvenção do eu por si mesmo, pela transcendência do ver, do sentir, do pensar, do agir, torna-se, desse modo, passível de um desenvolvimento.

O perguntar filosofante e a criatividade são ambos atos sintéticos. A criatividade, no entanto, distingue-se do filosofar no sentido em que age em domínios restritos; o filosofar se dirige à totalidade. Ao filosofar o horizonte do ser funda-se na medida em que a admiração é ultrapassagem infinita das significações, sendo, por isso, também estranhamento, vivência da alteridade.

O filosofar não é apenas acessível às crianças, mas participa do processo de autoconstrução de sua individualidade, da história de sua unidade. Na criança,¹³ o filosofar emerge da experiência,¹⁴ o que transita inevitavelmente por uma ampliação/aprofundamento de seus processos ou hábitos cognitivos.¹⁵ O filosofar, para a criança, confunde-se com sua harmonização interior, no sentido de sua autoconstrução enquanto processo de significação e re-significação de suas relações (mormente as intersubjetivas, base para a formulação de princípios morais), bem como

¹¹ Designo por vivência um conhecimento produzido em um contexto que transcende o universo lingüístico-conceitual ou simbólico; um conhecimento no qual uma emoção característica representa uma dimensão fundamental; um conhecimento que é envolvimento sempre renovado com relação à integralidade do próprio ser, como ser vivo, situado no mundo; um modo sintético de conhecimento que interage com o próprio processo do conhecer; autoconstrução da significação de uma experiência, pela conexão entre o fenômeno específico e a totalidade.

¹² Sobre esta questão: SARDI, Sérgio A. “Dialética e analogia na dialética platônica.” *Veritas*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, dez. 1997, p. 923-929.

¹³ Compreendo que este processo diga respeito a todos, crianças e adultos, embora na criança isto pareça ainda mais evidente. Parece-me próprio do adulto a relação, por vezes exclusiva, entre filosofia e retórica.

¹⁴ Que é conhecimento vivenciado, mesmo que na forma de um sentimento ainda não verbalizável.

¹⁵ Isso propicia um reflexão acerca da relação entre conhecimento e corporeidade, o que desenvolveremos em outro contexto.

Tal modo do pensar, característico da experiência filosofante, constitui-se em “conteúdo” sempre de todo inabarcável ao próprio pensar: a reflexividade, concebida como processo, torna-se condição e expressão da liberdade.

De uma perspectiva pedagógica, o exercício do filosofar e o aprendizado da Filosofia implica em que as questões filosóficas devem poder ser vivenciadas, antes de qualquer formulação lingüística, e mesmo após. O peso da formulação de uma determinada questão filosófica reside justamente na *vivência*¹¹ a que remete, e que deve poder ser comunicada (ao menos parcial ou analogamente¹²). O sentido das palavras nos remete além das palavras. A própria formulação lingüística surge de uma necessidade interna à experiência, o que também configura o sentido filosofante da mesma.

Caso contrário, as questões filosóficas permanecerão sempre exteriores, vazias de significação ou de alguma significação artificial, pois descoladas da vida. Somente quando devidamente introjetadas e dotadas de uma motivação interior (pela autoconstrução de sentido) podem servir de permanente manancial a partir das quais deverá emergir o filosofar, como criação.

As atitudes criativas resultam numa reafirmação a níveis cada vez mais profundos da individualidade, a qual expressa-se enquanto unicidade e irrepetibilidade. A potência criativa, que é primordialmente capacidade de reinvenção do eu por si mesmo, pela transcendência do ver, do sentir, do pensar, do agir, torna-se, desse modo, passível de um desenvolvimento.

O perguntar filosofante e a criatividade são ambos atos sintéticos. A criatividade, no entanto, distingue-se do filosofar no sentido em que age em domínios restritos; o filosofar se dirige à totalidade. Ao filosofar o horizonte do ser funda-se na medida em que a admiração é ultrapassagem infinita das significações, sendo, por isso, também estranhamento, vivência da alteridade.

O filosofar não é apenas acessível às crianças, mas participa do processo de autoconstrução de sua individualidade, da história de sua unidade. Na criança,¹³ o filosofar emerge da experiência,¹⁴ o que transita inevitavelmente por uma ampliação/aprofundamento de seus processos ou hábitos cognitivos.¹⁵ O filosofar, para a criança, confunde-se com sua harmonização interior, no sentido de sua autoconstrução enquanto processo de significação e re-significação de suas relações (mormente as intersubjetivas, base para a formulação de princípios morais), bem como

¹¹ Designo por vivência um conhecimento produzido em um contexto que transcende o universo lingüístico-conceitual ou simbólico; um conhecimento no qual uma emoção característica representa uma dimensão fundamental; um conhecimento que é envolvimento sempre renovado com relação à integralidade do próprio ser, como ser vivo, situado no mundo; um modo sintético de conhecimento que interage com o próprio processo do conhecer; autoconstrução da significação de uma experiência, pela conexão entre o fenômeno específico e a totalidade.

¹² Sobre esta questão: SARDI, Sérgio A. “Dialética e analogia na dialética platônica.” *Veritas*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, dez. 1997, p. 923-929.

¹³ Compreendo que este processo diga respeito a todos, crianças e adultos, embora na criança isto pareça ainda mais evidente. Parece-me próprio do adulto a relação, por vezes exclusiva, entre filosofia e retórica.

¹⁴ Que é conhecimento vivenciado, mesmo que na forma de um sentimento ainda não verbalizável.

¹⁵ Isso propicia um reflexão acerca da relação entre conhecimento e corporeidade, o que desenvolveremos em outro contexto.

de seu direcionamento a um centro de interesse pelo exercício da liberdade enquanto consciência cada vez mais abrangente de suas potencialidades e da possibilidade de alargamento das mesmas. O filosofar, mais que acessível, parece ser necessário e comum ao pensamento infantil.

Portanto, um método de ensino de filosofia para crianças deve dirigir esforços muito mais no sentido de *suscitar* as experiências significativas, ou melhor a significação da experiência. Suscitar é propiciar, criar condições, estimular um processo que, no entanto, em última instância, é interior.¹⁶ Para isso, torna-se necessário ir além de um plano lingüístico, tendo como instrumento também a linguagem, mas principalmente a oportunização de *vivências* que possam *despertar* e simultaneamente motivar a admiração e o diálogo. O processo de ensino-aprendizado deverá, pois, constituir uma atmosfera propícia à criatividade, sem constituir uma metodologia fechada em técnicas específicas, mas um *processo* onde cada um deverá descobrir novamente a filosofar com crianças. Isso pressupõe filosofar como adulto e como criança, a conectar indissoluvelmente Vida e Filosofia.

Ao mundo adulto é necessário filosofar com crianças, para aprender a unir amor e sabedoria, para aprender a profunda unidade entre amor e sabedoria.

¹⁶ Compare: SANTO AGOSTINHO, *De magistro*, caps. IX-XI. Vide, também: PAVIANI, Jayme. "A linguagem além da linguagem. Notas sobre o *De magistro* de Santo Agostinho". In *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995, p. 9-16.